

Desenlace de Anos de Aprendizagem em “Azo de Almirante”

Profa. Dra. Adelaide Caramuru Cezar¹ (UEL)

Resumo:

“Azo de Almirante”, quarto conto de *Tutaméia (Terceiras Estórias)*, efetiva-se através de dois tempos narrativos que se alternam. O primeiro apresenta a derradeira ação do protagonista, aquela que o conduzirá à morte. O segundo consiste na retomada de sua vida a partir do momento em que nela ocorreu reviravolta: uma enchente levou-lhe casa, mulher e filhas. Deste acontecimento em diante, conforme relata o narrador heterodiegético, Hetério abandonou seu “fastio de viver, sem hálito nem bafo” e, concomitantemente, disse não a uma possível resignação fatalista frente ao destino. O constante ir e vir desses dois tempos narrativos será descrito na presente comunicação cujo objetivo consiste na análise de “Azo de Almirante” e em sua vinculação ao processo de aprendizagem auto-imposto pelo protagonista.

Palavras-chave: João Guimarães Rosa, *Tutaméia (Terceiras Estórias)*, “Azo de Almirante”, destino, aprendizagem.

Introdução

“Azo de Almirante”, quarto conto de *Tutaméia (Terceiras Estórias)*, de João Guimarães Rosa, é composto por dezoito parágrafos. Três deles, o primeiro, o décimo e o décimo-quinto, estão separados dos demais parágrafos por meio de maior espaçamento. Possuem temporalidade diferente dos outros parágrafos nos quais são apresentadas cronologicamente ações do protagonista, Hetério, desde que uma catástrofe marcou sua vida: uma enchente levou-lhe a casa, a mulher e as filhas. A cronologia nesses quinze parágrafos inicia-se com a peripécia vivida na idade adulta pelo personagem, alcançando sua velhice e morte. Em contrapartida, nos três parágrafos acima destacados, é plasticamente mostrado ao leitor o momento capital, grandioso, da vida do protagonista: o encaminhamento de Hetério e seu grupo para a épica luta pela libertação da esposa de Normão, amigo de Hetério, mantida prisioneira pelo próprio pai na fazenda do Calcanhar. A duração destes três parágrafos limita-se ao entardecer, havendo destaque na luminosidade dominante a aproximar o texto da arte pictórica. Eis os três referidos parágrafos situados progressivamente no tempo do pôr-do-sol:

Longe, atrás uma de outra, passaram as mais que meia dúzia de canoas, enchusmadas e em celeuma, ao empuxo de remos, a toda a voga. O sol a tombar, o rio brilhando que qual enxada nova, destacavam-se as cabeças no resplandecer. Iam rumo ao Calcanhar, aonde se preparava alguma desordem. De um Hetério eram as canoas, que ele regia. Despropósito? O caso tem mais dúvida. (ROSA, 1967, p. 24).

Agora, ao pôr-do-sol, desciam as canoas — de enfia-a-fino, serenas, horizonteantes, cheias de rude gente à grita, impelidas no reluzente — de longe, soslonge. (ROSA, 1967, p. 25).

Assim ao de longe, contra raso sol, viu-se a fila de canoas, reta rápida, remadas no brilhar, com homens com armas, de Normão, que rumavam a rixa e fogo. Hetério comandava-as, definitivo severamente decerto, sua figura apropriada, vogavagante. (ROSA, 1967, p. 26).

As duas partes constitutivas do conto serão analisadas separadamente, ou seja, numa primeira instância, serão enfocadas as descrições; numa segunda instância, as narrações. Objetiva-se demonstrar que a grandiosidade do encaminhamento das “mais de meia dúzia de canoas” (ROSA, 1967, p. 24) presente nos citados três parágrafos é, em verdade, apresentada pelo narrador heterodiegético como resultado de uma vida de auto-imposta aprendizagem. Hetério se autodisciplina um comportamento voltado para o bem-estar do outro. A preocupação com o outro é iniciada pelo próprio nome do personagem, Hetério, nome de origem grega oriundo de *héteros*, outro.

1 Descrições do encaminhamento para a ação épica

A narrativa inicia-se em momento bastante próximo de seu fim. Depara-se o leitor, no primeiro parágrafo do conto, com descrição do encaminhamento do grupo liderado por Hetério para a libertação da esposa de Normão, raptada pelo pai. Dado o distanciamento do narrador em terceira pessoa daquilo que narra, no caso, o encaminhamento das canoas para a luta, a descrição, embora deixe no leitor a impressão de uma cena que se desenvolve diante de seus olhos, é feita no pretérito perfeito do indicativo: “Longe, atrás uma de outra, passaram as mais que meia dúzia de canoas, enchusmadas e em celeuma, ao empuxo de remos, a toda a voga.” (ROSA, 1967, p. 24).

O narrador parece situar-se à margem do rio e acompanhar com o olhar a passagem das canoas. Há o registro da organização efetivada, conforme o título do conto, pelo “almirante” Hetério. As embarcações estão providas do necessário, “enchusmadas”, revelando tal fato preocupação com o que é esperado durante o trajeto e depois, no momento da luta. Há ainda, no período citado no parágrafo anterior, a presença de liderança, de organização, de obediência, de força e, principalmente, de vontade coletiva. Os homens em suas canoas trazem-nos à lembrança, talvez pelo emprego do termo culto de origem grega “em celeuma”, *kéleuma* ou *kéleusma*, talvez pela presença motivadora de um rapto, a guerra liderada pelos aqueus comandados por Agamêmnon para recuperar Helena, raptada da Grécia por Páris. Há no texto rosiano a determinação existente entre os aqueus liderados por Agamêmnon. Normão desempenharia o papel de Menelau, cuja esposa foi raptada, não por Páris, como na *Ilíada*, de Homero, mas pelo próprio pai. Hetério, atuando de maneira a auxiliar Normão, seria Agamêmnon, que, juntamente com seu irmão, Menelau, deixou seu espaço pátrio, familiar, para enfrentar o raptor, Páris. O caráter bélico da epopéia grega faz-se presente no texto rosiano, não com a frota de mais de mil navios com enorme exército, mas com “as mais que meia dúzia de canoas, enchusmadas e em celeuma, ao empuxo de remos, a toda a voga.” (ROSA, 1967, p. 24). É a determinação, a liderança, a organização que trazem ao encaminhamento para a batalha grandiosidade, havendo em sua descrição, conforme já foi afirmado, forte preocupação pictórica.

Há muito brilho na descrição da passagem das canoas em direção à batalha a ser empreendida na fazenda do Calcanhar: “O sol a tombar, o rio brilhando que qual enxada nova, destacavam-se as cabeças no resplandecer.” (ROSA, 1967, p. 24). A descrição atém-se à visão da passagem das canoas em momento determinado – “o sol a tombar” – sendo nela o brilho das águas uma constante. A comparação entre o brilho do rio no qual resplandecem as cabeças dos “marinheiros” e “enxadas” localiza o narrador como um ente provinciano, pois a enxada não é instrumento comum na cidade, sendo, no entanto, expressão do trabalho nos espaços nos quais a terra deve ser cultivada. Se o narrador faz uso dessa expressão, acaba, involuntariamente, por revelar sua origem. Está-se mais uma vez diante de estrutura bastante comum no universo rosiano: um narrador interiorano põe-se a dialogar com um narratário urbano, conforme será reiterado logo a seguir.

Pressupondo um leitor avesso à desordem, o narrador em terceira pessoa antecipa a colocação que este pode vir a fazer, ou, até mesmo, que já acabou de fazer, e registra no texto sua possível interrogação: “Desordem?”. Através deste procedimento, é criado no conto o parceiro do narrador: o narratário. A obra ganha, desta forma, o caráter dialógico tão recorrente nas criações rosianas. Ao

registrar_a possível pergunta do narratário, o sempre atento narrador solicita cuidado em sua leitura, pois, conforme afirma, o caso por ele apresentado não é tão simples como pode parecer, pede uma leitura mais atenta, uma vez que o que vai ser narrado “tem mais dúvida” (p. 24). Este conselho do narrador oferecido ao narratário soma-se, talvez, à colocação do narrador presente em “Sobre a escova e a dúvida”, derradeiro prefácio de *Tutaméia (Terceiras Estórias)*, que, na sua segunda parte, afirma:

Meu duvidar é da realidade sensível aparente — talvez só um escamoteio das percepções. Porém, procuro cumprir. Deveres de fundamento a vida, empírico modo, ensina: disciplina e paciência. Acredito ainda em outras coisas, no boi, por exemplo, mamífero voador, não terrestre. (ROSA, 1967, p. 148).

A descrição das canoas em direção à fazenda do Calcanhar em seu segundo momento, no décimo parágrafo, ganha ainda maior distanciamento. O narrador, cuidando de situar o que descreve no momento do relato, faz uso de um advérbio de tempo, “agora”, a marcar a simultaneidade de sua descrição com o que se passa diante de seus olhos. Continua, no entanto, a fazer uso do tempo pretérito, substituindo o anterior pretérito perfeito pelo pretérito imperfeito do indicativo: “Agora, ao pôr-do-sol, desciam as canoas — de enfia-a-fino, serenas, horizonteantes, cheias de rude gente à grita, impelidas no reluzente — de longe, soslonge.” (ROSA, 1967, p. 25). Entre travessões, ocorre a retomada do que já foi afirmado na primeira descrição das canoas, efetivada no primeiro parágrafo do conto: há, nas canoas vistas pelo narrador em terceira pessoa, ordem, liderança, obediência, vontade coletiva. Ele vê de cá, da terra, quase na linha do horizonte, “horizonteando”, descem as canoas, deduzindo, pela linha reta das canoas vistas “de longe, soslonge”, os valores que as conduzem. As canoas, antes vistas em movimento, “ao empuxo de remos, a toda a voga” (ROSA, 1967, p. 24), agora são vistas em seu alinhamento, “de enfia-a-fino, serenas, horizonteantes” (ROSA, 1967, p. 25). Os canoeiros, por sua vez, contradizem a visão distanciada do narrador, uma vez que, se antes foram vistos como “cabeças no resplandecer” (ROSA, 1967, p. 24), neste segundo momento, no entanto, são apresentados pelos sons agudos que produzem: “rude gente à grita” (ROSA, 1967, p. 25). Tendo havido distanciamento das canoas, surpreende o enfoque dos canoeiros pelos gritos que emitem. Obviamente, com a distância, os ruídos deveriam ter desaparecido. Trata-se, em se tratando de texto literário, de procedimento verossímil, não devendo, como tal, ser julgado a partir do conceito de verdadeiro.

Como a despedir-se, o narrador em sua derradeira descrição, no décimo-quinto parágrafo, mantém a inalterabilidade de sua visão que, no entanto, apenas mais se distancia daquilo que vê. Coloca ainda, para mais afastar-se, para indiciar seu maior distanciamento do que descreve, o sol poente contra sua visão:

Assim ao de longe, contra raso sol, viu-se a fila de canoas, reta rápida, remadas no brilhar, com homens com armas, de Normão, que rumavam a rixa e fogo. Hetério comandava-as, definitivo severamente decerto, sua figura apropriada, vogavante. (ROSA, 1967, p. 26).

Nesta terceira descrição das canoas em direção à fazenda do Calcanhar, elas são apenas vistas como “reta rápida” (ROSA, 1967, p. 26). Os canoeiros, antes, na primeira descrição, “cabeças no resplandecer” (ROSA, 1967, p. 24); depois, na segunda descrição, “rude gente à grita” (p. 25), agora são apresentados como “homens com armas” (ROSA, 1967, p. 26). Houve distanciamento físico da imagem descrita, porém houve também a inserção da imaginação do narrador a trazer para essa imagem dados não vistos, mas presumidos, como é o caso, antes, dos gritos dos marinheiros, agora, das armas por eles empunhadas. Mais uma vez está-se, conforme já foi acima afirmado, frente ao verossímil, não frente ao verdadeiro.

Na primeira descrição, Hetério é apresentado como proprietário e comandante das canoas: “De um Hetério eram as canoas, que ele regia.” (ROSA, 1967, p. 24). Na segunda descrição, ele não é focado. Na terceira descrição, por sua vez, ele cresce, sendo, mais uma vez, inserida na

descrição a apreciação do narrador envolvido com aquilo que descreve: “definitivo severamente decerto” (ROSA, 1967, p. 26). Não se contendo, cria para ele um neologismo, “vogavante”, cujo significado é apontado por Nilce Sant’Anna Martins: “remador que vai sentado na bancada da proa. // Aglut. De voga-avante.” (2001, p. 526). A liderança de Hetério é mais uma vez destacada, mostrando-se como alguém a prestar serviços a seu amigo, Normão.

A ação bélica ocorrerá. Ela não será, no entanto, nem descrita nem narrada. Haverá, nos três parágrafos que sucederão a esta derradeira descrição e que encerrarão o conto, uma síntese dela, bem como breve relato do futuro do protagonista, Hetério, e de seu amigo, Normão. Parece importar ao narrador a descrição da beleza do ato de conduzir-se ordenada e respeitosa à ação eficiente, não a descrição da ação em si mesma. Importa o processo a efetivar-se gradativamente pelo comportamento de disciplina auto-imposto pelo protagonista, não o resultado obtido. Ele nada mais é do que consequência de procedimento desenvolvido durante anos.

2 A aprendizagem como empreendimento para a possível futura ação épica

Em “Azo de Almirante”, as três descrições antes apresentadas são seguidas por explicações do narrador o qual também as efetiva em três etapas, situando cada uma delas logo após cada uma das descrições. São iniciadas através de expressões bastante breves a indicarem a passagem de uma para outra explicação: “Eventos vários.” (ROSA, 1967, p. 24); “Ainda não.” (ROSA, 1967, p. 25); “Certo, soube-se.” (p. 26). As três expressões vêm após os espaços duplos que marcam o fim das descrições. As duas últimas citadas expressões breves, por sua vez, vêm cada uma delas em um único parágrafo a marcar o início da segunda e da terceira explicações respectivamente. Atuam como intervenções do narrador que, ao final da primeira das três descrições, conforme já foi visto, trouxe à narrativa o narratário com seu provável não benquisto bom senso: “Despropósito?” (ROSA, 1967, p. 24). É para este narratário urbano tão preso à “realidade sensível aparente” (ROSA, 1967, p. 148) que as explicações do narrador interiorano, o qual, por sua vez, crê em boi “mamífero voador, não terrestre” (ROSA, 1967, p. 148), fazem-se necessárias. Aqui será analisada separadamente cada uma das explicações efetivadas pelo narrador, situando-as na estrutura do conto como um todo.

2.1. “Eventos vários”. Peripécia seguida da assunção de novas profissões

A primeira das três explicações do narrador efetiva-se em oito parágrafos. Começa no segundo e vai até o nono. Nela há divisões temáticas. Nos parágrafos de números dois, três, quatro e cinco, o assunto é a peripécia estabelecida em determinado momento da vida passada do personagem. Nos parágrafos de números seis e sete, é narrada a primeira nova maneira de existir de Hetério depois da enchente: transporte de “gente e carga, de banda para banda” (ROSA, 1967, p. 24) do rio. No parágrafo de número nove, tem-se a narração de uma outra maneira de existir de Hetério e de seus dois filhos: transporte de peregrinos para o lugar no qual se encontra mulher tida como santa.

A peripécia situa-se cronologicamente no mais distante momento, “no começo de seus caminhos” (ROSA, 1967, p. 24), daquele que o narrador admira e no qual descreve o movimento das “mais que meia dúzia de canoas” (ROSA, 1967, p. 24) de Hetério organizadas no horizonte. A explicação alcança lá no passado o momento da mudança na vida do personagem e apresenta o acaso como o único responsável pelo ocorrido, como bem conota a seguinte colocação do narrador heterodiegético: “Em fatal ano da graça.” (ROSA, 1967, p. 24). Trata-se do destino que chega, sendo visto pelo narrador como um dado positivo a ser tomado como um bem recebido, como uma escolha empreendida, não pelo protagonista, mas por entidade superior desconhecida. Mais uma vez está-se diante do universo grego no qual a Moira, o lote, o quinhão, a parte que toca a cada um em

seu estar no mundo desempenha papel de alavanca para as ações que se sucederão. Na tragédia grega, Édipo culpa Apolo por seu destino e a si mesmo pela resposta dada à ação do destino:

Foi Apolo! Foi sim, meu amigo!
Foi Apolo o autor de meus males,
De meus males terríveis; foi ele!
Mas fui eu quem vazou os meus olhos.
Mais ninguém. Fui eu mesmo, o infeliz! (SÓFOCLES, 1998, p. 88).

Em “Azo de Almirante”, entretanto, o protagonista não culpa ninguém de sua desgraça. Limita-se a aceitar o quinhão que lhe coube e a seguir seu caminho tal qual se torna possível. Há, pois, de sua parte, silêncio e retomada, dando novo direcionamento à existência, conforme será agora visto. Quem faz interpretação da enchente, da perda de casa, mulher e filhas como destino do personagem, “em fatal ano da graça” (ROSA, 1967, p. 24), é o narrador, que está sempre fazendo leitura dos acontecimentos presentes na vida do protagonista.

O que ocorreu neste momento da vida de Hetério foi um acontecimento externo, independente de sua vontade: “a grande enchente de arrasar” (ROSA, 1967, p. 24). O protagonista “Ajuntou canoas e acudiu, valedor, dado tudo, sabendo lidar com o fato, o jeito de chefe.” (ROSA, 1967, p. 24). Antes disto, conforme revela o pretérito mais-que-perfeito do indicativo, “Fora homem de família, merecedor de silêncio, sem hálito nem bafo” (p. 24). Está-se, pois, no momento em que o narrador heterodiegético faz seu narratário saber como o homem antes recluso transformou-se em canoeiro atento à necessária ação em relação aos outros que estavam se afogando. É neste momento do passado relatado pelo narrador que o destino do protagonista, marcado pelo nome que lhe foi ofertado pelos pais, Hetério, *héteros*, outro, faz-se cumprir. No nome já estava, pois, o destino a efetivar-se no mais inesperado momento, assim como no nome de Édipo já estava a duplicidade que lhe cumpria viver: o menino de pés inchados, a criança maldita rejeitada por seus pais (*oidên* = inchar + *pus, podós* = pés) é quem consegue decifrar o enigma da Esfinge e assume o trono de Tebas, por sua competência, por seu saber (*oída* = que sabe + *pus, podós* (o enigma dos) pés). (Ver: VERNANT, 1977, p. 90-91).

A ação altruísta do personagem a efetivar-se fora dos limites da casa é acompanhada do rompimento alheamente imposto de sua maneira de existir enraizada em seu espaço particular. Quando retorna “da socorreria”, de sua inaugural ação heróica, não mais encontra casa, mulher e filhas, levadas para sempre pelas águas do rio, que jamais retornam. De sua família, restam-lhe apenas os dois filhos os quais o acompanharão na vida nômade que, a partir deste nefando acontecimento, ser-lhe-á constante. Frente ao revés, Hetério calou-se e aceitou estoicamente a sina, conforme relata o interiorano narrador heterodiegético a seu desconfiado narratário urbano:

Não exclamou. Não se pareceu mais com ninguém, ou ébrio por dentro, aquela novidade de caráter. Sacudia, com a cabeça, o perplexo existir, de dó sem parar, em tanta maneira. E nem a bola de bilhar tem caprichos cinemáticos. De modo ou outro, já estava ele adquirindo as boas canoas, de que precisava. (ROSA, 1967, p. 24).

O narrador está sempre a oferecer a seu desconfiado narratário sua leitura daquilo que ocorreu com o protagonista, posicionando-se de maneira elogiosa frente a sua postura em momento de intempérie. Assim, depois de falar do bom desempenho de Hetério no salvamento das pessoas durante a enchente, levando em consideração o acaso que definiu a vida do personagem, afirma: “O gênio é punhal de que não se vê o cabo.” (ROSA, 1967, p. 24). Pode-se dizer que há até mesmo regozijo do narrador frente ao destino que se impôs ao protagonista, vendo em sua sorte escolha advinda não se sabe de qual instância. Hetério foi o escolhido. A fatalidade determinou a mudança de seus caminhos. No momento em que a mudança ocorreu, ninguém se deu conta do fato; agora, no entanto, tendo já a vida do personagem terminado, tornou-se possível a devida leitura dos acontecimentos nela ocorridos. É o narrador, aquele que acredita no boi, “mamífero voador, não

terrestre” (ROSA, 1967, p. 148), quem tem competência para a efetivação de tal leitura, oferecendo-a agora ao narratário urbano voltado para a “realidade sensível aparente” (ROSA, 1967, p. 148) e, por conseguinte, a nós, leitores.

Superado o momento da enchente, a vida de Hetério tem continuidade. A existência antes segura, enraizada na terra com casa e família, é substituída pela vida no rio, acompanhado dos “filhos e outros moços” (ROSA, 1967, p. 24). É sabido que o rio tem na obra rosiana especial destaque. Ele é símbolo de continuidade, de eternidade, em oposição à canoa e ao canoeiro. Hetério, no rio, inicialmente transporta “gente e carga, de banda para banda” (ROSA, 1967, p. 24). Depois, quando a ponte da Fôa é reconstruída, parte para outro ofício: passador de peregrinos de uma santa recém descoberta “rio acima”. (ROSA, 1967, p. 24).

O narrador heterodiegético não abre mão de oferecer a seu narratário qualificativos para o protagonista: “o de posição personificada”, “homem de cabeça perpétua” (ROSA, 1967, p. 25). Da mesma maneira, oferece a seu interlocutor seu parecer sobre o modo como se conseguiu chegar a esta especificidade diferenciada: “cerrando bem a boca é que a gente se convence a si mesmo.” (ROSA, 1967, p. 25). Consciente de que sua sorte mudou e, concomitantemente, de que agora a realidade é outra, o protagonista, segundo palavras do narrador, com humildade, vai adaptando-se ao mundo em constante transformação, vai, em sua descontinuidade, em sua curta temporalidade, fazendo aquilo que pode para que a vida transcorra da melhor forma possível para ele e para os outros, fazendo, desta forma, cumprir a sorte registrada em seu nome.

Marcando o término desta primeira explicação, presente logo após a descrição das “mais que meia dúzia de canoas” (ROSA, 1967, p. 24) movimentando-se no rio em direção à fazenda do Calcanhar, o narrador revela que, com o passar do tempo, a fama de Hetério também se foi, tendo tornado sua existência tão anônima quanto ela era antes da enchente. Retorna, assim, à simbologia do rio, ressaltando sua continuidade, sua eternidade, “Ao adiante, assim às águas — outras e outras.” (ROSA, 1967, p. 25). Em oposição, lembra a descontinuidade, a efemeridade, da canoa e do canoeiro: “No rio nada durava.” (ROSA, 1967, p. 25). Frente a essas colocações, não é possível deixar de lembrar as palavras de Walnice Nogueira Galvão a respeito de rio, canoa e canoeiro, em seu estudo sobre “A terceira margem do rio”:

Um rio é constituído por duas margens, a do lado de cá e a do lado de lá, que reciprocamente se remetem. Entretanto, entre elas corre o rio, imagem da continuidade; e no rio navega uma canoa, imagem da descontinuidade. A passagem do tempo é insignificante para o rio, fundamental para a canoa e seu ocupante. O período de uma vida, de cada vida, não é nada quando comparado com a lentíssima história da espécie; mal se começa a desconfiar que se está vivo e já é hora de morrer. A inevitabilidade de viver e de morrer, quando vistas a vida e a morte como solidárias — só morre o que vive e só vive o que morre —, implica a continuidade do processo vital, em que vida e morte são razão e causa uma da outra. O rio, então, tem duas margens, que são; e uma terceira margem, que não é. (GALVÃO, 2008, p. 41-42).

2.2. “Ainda não”. Para novos tempos, novas profissões

A segunda das três explicações do narrador sobre o comportamento de Hetério após a fatalidade que rompeu sua estória de vida, impondo-lhe outra, efetiva-se em quatro parágrafos. Começa no décimo-primeiro e termina no décimo-quarto. Nela há, inicialmente, em um único parágrafo, marcando, depois do maior espaço gráfico, o início da segunda explicação, colocação bem curta: “Ainda não” (ROSA, 1967, p. 25). Nesse parágrafo, há a palavra dirigida ao urbano narratário que parece, como homem da cidade, bastante apressado. Tal curta expressão a dominar todo um parágrafo assemelha-se à resposta à pergunta dirigida pelo narratário urbano ao narrador interiorano: — Agora, finalmente, a estória vai acabar? Ainda atento à pressa do narratário, há

preocupação do interiorano narrador em pontuar sua narração, conforme registra o primeiro período do próximo parágrafo, o de número doze: “Seguindo-se antes outros atos.” (ROSA, 1967, p. 25).

Uma vez reconstruída a ponte da Fôa, uma vez perdido o interesse de peregrinos pela “mulher milagreira jejuadora”, resta ao protagonista e aos seus homens a busca por outra profissão. Transformam-se em mascates. Com o passar do tempo, o progresso chega à região. O rio será represado, uma barragem será construída pelo Governo para que possa ser edificada uma enorme usina. Surge então outra possibilidade de trabalho para Hetério: empreiteiro do Governo. Ele e seus homens, cada qual em sua canoa, auxiliam, como podem, na construção da barragem. Em “Azo de Almirante”, a cada uma destas novas profissões será dedicado um parágrafo, seguido de um derradeiro a preannunciar o motivo da ação bélica para a qual as Canoas em fila antes descritas se dirigem: “E esse Normão, propício, queria reaver sua mulher, que o pai guardava, prudente, de refém, na Fazenda-do-Calcanhar, beiradeã. Enquanto anos; e a usina deu-se por pronta. O rio não deixa paz ao canoero.” (ROSA, 1967, p. 26).

O trabalho como mascate é efetivado por toda tripulação: “as Canoas mercantes, separadas ou juntas, como de estancieiro chegaram ao porto de Santo Hipólito e ao Porto-das-Galinhas, abaixo de Traíras, lugares de negócio, no das Velhas, de praias amarelas.” (ROSA, 1967, p. 25). O narrador, contrariando a vontade do apressado narratário urbano, preocupa-se com a localização do espaço percorrido pelos personagens enquanto mascates. Há minuciosidade em sua narração.

Dois são os grupos constitutivos dos mascates. De um lado, estão os muitos canoeros que “pensavam na riqueza”; de outro, Hetério, trazendo “lápiz e uma grande caderneta, em que assentava e repassava difíceis contas.” (ROSA, 1967, p. 25-26). No momento em que fala que “os que o seguiam, pensavam em riquezas”, o cuidadoso e valorativo narrador sertanejo separa os homens em dois grupos eticamente distintos: os que pensam apenas em lucros pessoais; o que labuta com seriedade. Em seu conjunto, por sua vez, agrupando Hetério e os outros, ele os vê “em faina de ciganos regatões.” (ROSA, 1967, p. 25). No emprego destas palavras, nota-se a presença na linguagem rosiana de vocábulos próprios do universo das águas. “Faina”, segundo o *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*, significa, no vocabulário da marinha, “trabalho de que participa a tripulação de um navio.” (2001, p. 1300). “Regatão”, por sua vez, segundo *O léxico de Guimarães Rosa*, de Nilce Sant’Anna Martins, é um brasileiro regionalista, significando “vendedor que percorre os rios de barco parando de lugar em lugar.” (MARTINS, 2000, p. 419). Nesta mesma expressão, aparece ainda a comparação dos canoeros e de Hetério com “ciganos”. Tal comparação é um dado bastante positivo. Em *Tutaméia* (Terceiras Estórias), três contos têm ciganos como personagens: “Faraó e a água do rio”, “O outro ou o outro” e “Zingaresca”. Em todos eles, os personagens, espertos, alegres, nômades, como os personagens de “Azo de Almirante”, apresentam-se concordes com os valores rosianos a menosprezar a dominância da lógica sobre o irracional. Em entrevista concedida por João Guimarães Rosa a Günter Lorenz, em Gênova, no ano de 1965, o autor deixa tal posicionamento bem claro ao afirmar que a lógica “é a força com a qual o homem algum dia haverá de se matar. Apenas superando a lógica é que se pode pensar com justiça” (ROSA *apud* LORENZ, 1973, p. 351). Os ciganos, Hetério e sua tripulação são personagens que registram o desejo de João Guimarães Rosa em relação a toda e qualquer obra de arte, conforme diz, na mesma entrevista, a Günter Lorenz: “espero uma literatura tão ilógica como a minha, que transforme o cosmo num sertão no qual a única realidade seja o inacreditável.” (LORENZ, 1973, p. 351).

O próximo trabalho de Hetério e de seus homens será, conforme já foi afirmado, para uma usina do Governo que começa a ser construída naquele rio tão percorrido por Hetério e os tripulantes de suas Canoas. Trata-se do progresso que se instaura na região: “Vales, a bacia, convertiam-se em remanso de imenso lago, em que podiam navegar com favor e proveito. [...] Máquinas e casas, nas margens, barracões de madeira” (ROSA, 1967, p. 26). Este trabalho atua de maneira a reanimar o personagem: “Rearvorado, logo Hetério largou-se para lá, com seu loide de

canoas.” (ROSA, 1967, p. 26). Agora, o espaço é aquele que se faz presente no início do conto, aquele que será descrito três vezes, tendo ao fundo “as mais de meia dúzia de canoas, enchusmadas e em celeuma, ao empuxo de remos, a toda a voga.” (ROSA, 1967, p. 24). A luminosidade tão enfaticamente registrada nas três descrições aparece cronologicamente pela primeira vez nesta explicação agora enfocada, ao mesmo tempo em que nela são lembrados os corpos de mulher e filhas de Hetério, passado do protagonista, que não puderam ser retidos: “A paisagem ali tomava mais luz: fazia-se mais espelho — a represa, lisa — que não retinha, contudo, corpos de afogadas.” (ROSA, 1967, p. 26).

Um dos dois filhos de Hetério vai-se embora, para casar-se. Em seu lugar, entra um novo personagem: Normão. Sendo o nome do protagonista de “Azo de Almirante” Hetério, *héteros*, “outro”, é bem significativo o nome de seu novo coadjuvante. Este nome, Normão, institui-se, seguramente, como oposição ao nome de Hetério, pois traz à mente “norma”, “mesmo”, “aquele que é constante”, “aquele que atua de acordo com o estabelecido”. Estão, pois, lado a lado, o “outro” e o “mesmo”, o “diferente” e o “igual”, o que serve ao “outro”, o que se preocupa com o “mesmo”, o “igual”. Normão teve sua mulher raptada pelo próprio pai e quer resgatá-la. Hetério, sempre voltado para a ação dirigida ao outro, decide ajudá-lo na empreitada. Para efetivá-la, no entanto, sendo ele uma pessoa auto-disciplinada, espera o término da usina: “Enquanto anos; e a usina deu-se por pronta.” (ROSA, 1967, p. 26). Retornando à simbologia do rio na obra rosiana, o narrador heterodiegético afirma: “O rio não deixa em paz o canoeiro.” (ROSA, 1967, p. 26). É, pois, hora de nova empreitada: a captura da mulher de Normão das garras do pai, na Fazenda-do-Calcanhar. É hora da já anunciada ação bélica.

2.3. “Certo, soube-se”. O que ocorreu depois da visão das canoas

Enquanto nas explicações anteriores havia retorno no tempo no que concerne às três descrições separadas na estrutura gráfica do conto, agora, na derradeira explicação, serão enfocadas as ações que darão seqüência às descrições das canoas dispostas em linha reta no horizonte, tendo em seu bojo homens armados liderados por Hetério. As duas primeiras explicações constituíram-se, pois, como analepses, como *flashbacks*. A terceira, e última, explicação, a ser agora analisada, constitui-se como prolepse, como antecipação de acontecimentos que ocorrerão depois da derradeira descrição.

Como sucedeu com as outras explicações, esta é introduzida por expressão curta: “Certo, soube-se.” (ROSA, 1967, p. 26). Pressupõe-se que esta colocação seja resposta oferecida ao narratário que teria perguntado ao narrador: — Agora você vai finalmente contar a batalha? Daí a resposta positiva do narrador sertanejo, “Certo”, seguida da explicação de que o que vai ser agora narrado não foi por ele visualizado. “Soube-se”, de maneira indeterminada, o que vai agora ser relatado.

Esta terceira explicação efetiva-se em apenas três parágrafos, os três últimos do conto, de números dezesseis, dezessete e dezoito. O primeiro deles é constituído pela expressão breve: “Certo, soube-se”, acima descrita. O segundo atém-se à batalha, relatada de maneira bastante sucinta, bem como a sorte das canoas e dos canoeiros. O terceiro parágrafo é dedicado à morte do protagonista, encerrando-se assim a estória.

A derradeira empreitada de Hetério e seus homens revela planejamento, cautela e precisão: “Aproaram aos fundos da do-Calcanhar, numa gamboa, e atacaram, de faca em polpa. Troou, curto, o tiroteio.” (ROSA, 1967, p. 26). O resultado da batalha é a vitória de Normão, festejada. Para Hetério, depois da bem sucedida batalha, restam mais outras perdas: o único filho que lhe restava morreu em batalha, as suas “mais que meia dúzia de canoas” (p. 24) foram destruídas, suas alternativas profissionais propiciadas pelas canoas deixaram de existir, seu corpo estava ferido. O narrador, envolvido com a figura para ele grandiosa do protagonista, afirma: “Só na sua, Hetério

continuou, a esporte de ir, rio abaixo, popeiro proelista, de levada, estava ferido, não a conduzia de por si, vogavagante; e seu outro filho na briga terminara baleado.” (ROSA, 1967, p. 26).

A grandiosidade de herói épico é registrada pelo emprego de substantivo seguido de adjetivo: “popeiro proezista”. “Popeiro”, segundo o *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*, significa: “1 indivíduo que vai na popa de embarcação; 2 piloto de embarcação de pesca.” (p. 2260). Há, pois, neste substantivo, a marca de liderança e, concomitantemente, de estratégia frente à destruição ocorrida, pois, em lugar de estar na proa da embarcação, colocou-se, uma vez que enfraquecido, na sua popa. “Proezista”, por sua vez, segundo afirma Nilce Sant’Anna Martins, é um neologismo constituído pelo radical “proeza” seguido do sufixo “ista”, significando “valoroso, praticante de façanha.” (p. 398). A situação de Hetério, que na descrição anterior a esta explicação era “vogavante”, agora será modificada para “vogavagante”. Trata-se, mais uma vez, de neologismos. “Vogavante” é a somatória de “voga” e “avante”, marcando, pois, a liderança de Hetério, sua determinação, seu caminhar sempre adiante, tal qual era antes da batalha da Fazenda-do-Calcanhar, quando comandava suas canoas: “definitivo severamente decerto, sua figura apropriada, vogavante.” (ROSA, 1967, p. 26). “Vogavagante”, por sua vez, é “composto pela justaposição dos radicais dos verbos parônimos **vogar** (deslocar-se sobre a água impelido com o auxílio de remos, flutuar; navegar) e **vagar** (andar sem destino) + **-nte**.” (MARTINS, 2001, P. 526). O anterior “vogavante” transformou-se, pois, dada a destruição de suas canoas e os ferimentos recebidos, em vogavagante, ou seja, aquele que flutua sem destino, à mercê do acaso, da correnteza.

A morte de Hetério é, mais uma vez, vista como aceitação, sendo antecedida por uma derradeira ação: “Adiante, no travessão do Fervor, itaipava perigosa, a canoa fez rombo. Ainda ele mesmo virou-a então, de boca para baixo, num completamento.” (ROSA, 1967, p. 26). Vera Novis, em tese de doutorado orientada por João Alexandre Barbosa e posteriormente publicada com o título de *Tutaméia: engenho e arte*, afirma que “a metáfora que Guimarães Rosa utiliza para marcar o grau de aprendizagem em que se encontra o personagem é exatamente essa: o completamento ou o descompletamento. [...] O completamento [...] está diretamente ligado ao momento de iluminação ou à situação de iluminado do personagem.” (1989, p. 114). É justamente este o término de Hetério, como um iluminado, como alguém que, depois da peripécia que lhe marcou o destino, passou a vida a servir, terminando-a como “risonho morto, muito velho, velhaco — a qualidade de sua pessoa.” (ROSA, 1967, p. 26).

Conclusão

Tutaméia (Terceiras Estórias) é o “mais minimalista dos livros de Guimarães Rosa” (GALVÃO, 2000, p. 62). Entre os assuntos variados tratados nas suas quarenta estórias, Walnice Nogueira Galvão, que as divide em sete grupos, enumera seis estórias que tratam de “metamorfose e redenção” (2006, p. 174): “Arroio-das-antas”, “Azo de almirante”, “Palhaço da boca verde”, “Presepe”, “Sinhá Secada”, “Umas formas”.

“Azo de almirante”, como as demais estórias da coletânea, apresenta-se com estrutura bastante condensada, porém artisticamente estruturada, fazendo valer o conceito de obra literária registrado no primeiro dos quatro prefácios presentes neste derradeiro livro organizado pelo autor: “Aletria e Hermenêutica”. A leitura do título deste prefácio indicia a compreensão de obra literária “como realidade concreta estruturada por fio que se emaranha formando ninho acolhedor cujo objetivo consiste em alimentar, no caso, o espírito do leitor (“aletria”).” (CEZAR, 2007, p. 17). Concomitantemente, a compreensão do título deste primeiro prefácio indicia a leitura e a interpretação que cabem ao leitor atribuir-lhe: “hermenêutica”.

Espera-se ter cumprido as propostas do autor na análise aqui apresentada. Demonstrou-se que, alterando descrições com narrações, em “Azo de Almirante”, é apresentada ao leitor a estória de vida do personagem a partir do momento em que nela se instaurou reviravolta. Frente ao ocorrido, com determinação, auto-estima, correto direcionamento de possível raiva, medo, prazer, inveja ou

orgulho, para aceitação estóica da vida, Hetério impôs a si mesmo disciplina. O resultado é a plenitude de um iluminado. Opostamente ao pai presente em “A terceira margem do rio” (*Primeiras Estórias*), que se configura na obra “sempre remando para que a correnteza não o leve” (CEZAR, 2002, p. 101), Hetério age para fazer cumprir seu nome, *héteros*, ou seja, para servir ao outro. O remo e a canoa só são abandonados no momento final de sua vida, sendo substituídos pelos braços a conduzirem-no ao “brejo da beira, onde atolado se aquietou.” (ROSA, 1967, p. 26). Uma vez cumprido estoicamente seu destino, “acharam-no — risonho morto, muito velho, velhaco — a qualidade de sua pessoa.” (ROSA, 1967, p. 26). Enquanto o pai de “A terceira margem do rio” com sua ação enlouqueceu o filho, o pai Hetério permitiu a cada um o cumprimento de seus desejos, realizando-se ele mesmo na “qualidade de sua pessoa.” (p. 26).

Referências Bibliográficas

- [1] CEZAR, Adelaide Caramuru. O trágico em “A terceira margem do rio” de João Guimarães Rosa. In: SANTOS, Volnei Edson dos. *O trágico e seus rastros*. Londrina: Editora da Universidade Estadual de Londrina, 2002, p. 91-107.
- [2] _____. *Tutaméia* (Terceiras Estórias): derradeira obra de João Guimarães Rosa. In: <http://e-revista.unioeste.br/index.php/trama/article/view/920/783>, 2007.
- [3] GALVÃO, Walnice Nogueira. *Mínima Mímica: ensaios sobre Guimarães Rosa*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- [4] _____. *Guimarães Rosa*. São Paulo: Publifolha, 2000.
- [5] _____. Rapsodo do sertão: da lexicogênese à mitopoese. In: *Cadernos de Literatura Brasileira – Guimarães Rosa*. São Paulo: Instituto Moreira Salles, 2006.
- [6] HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- [7] LORENZ, Günter. *Diálogo com a América Latina: panorama de uma literatura do futuro*. Trad. Rosemary Costhek Abílio e Fredy de Souza Rodrigues. São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária, 1973.
- [8] MARTINS, Nilce Sant’Anna. *O léxico de Guimarães Rosa*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001.
- [9] NOVIS, Vera. *Tutaméia: engenho e arte*. São Paulo: Perspectiva: Editora da Universidade de São Paulo, 1989. — (Debates; v. 223)
- [10] ROSA, João Guimarães. *Tutaméia* (Terceiras Estórias). 1ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1967.
- [11] SÓFOCLES. *Édipo Rei*. In: _____. *A trilogia tebana*. Trad. Mário da Gama Kury. 8ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- [12] VERNANT, Jean-Pierre. *Mito e Tragédia na Grécia Antiga*. Vol. I. Trad. Anna Lia de Almeida Prado, Maria da Conceição M. Cavalcanti e Filomena Yoshie Hirata Garcia. São Paulo: Duas Cidades, 1997.

¹ **Adelaide Caramuru CEZAR, Profa. Dra.**
Universidade Estadual de Londrina (UEL)
Departamento de Letras Vernáculas e Clássicas
acezar@sercomtel.com.br